

OS PODERES INFORMAIS DAS MULHERES

Tereza Almeida Cruz¹

Mas é preciso ter manha, é preciso ter raça
É preciso ter sonho sempre.
Quem trás na pele essa marca possui a
estranha mania de ter fé na vida.

RESUMO: A historiografia das últimas décadas tem procurado inverter as perspectivas historiográficas tradicionais, voltando-se para a memória de grupos sociais marginalizados do poder. Assim, abre-se caminho para uma história social das mulheres, para as tramas cotidianas prenhes de significações. Nesta perspectiva, também trabalhamos com uma ampliação do conceito de poder, mostrando que as mulheres têm os seus poderes, que elas não são passivas e nem submissas. A partir de práticas cotidianas, elas vão traçando uma outra história. Desta forma, este artigo revela os poderes informais das mulheres trabalhadoras rurais, a partir de suas experiências no chão cotidiano dos seringais, das margens de rios e das florestas, bem como de suas trajetórias nos grupos de mulheres do Estado do Acre e sul do Amazonas. Estas mulheres vão tecendo os seus poderes através de múltiplas vivências como: abandono de seus trabalhos, porque o marido não os valorizava; comércio da borracha com o marreteiro; “driblando” o controle do pai para participar de festas; desenvolvimento do poder da fala nos grupos de mulheres; através de sua fé e no seu cotidiano de convívio com a natureza, no conhecimento da mata e na prática medicinal através da utilização de ervas e da prática das parteiras tradicionais.

Palavras-chave: poderes das mulheres, experiências sociais, história das mulheres.

ABSTRACT: The historiography of the last decades has looked for inverting the traditional historiographic perspectives, turning itself toward the memory of social groups kept out of power. Thus, it opens a way to the social history of the women, to daily practices of significations. In this perspective we also work with an enlargement of power concept, showing that the women have its power, that they are not passive and nor submissive. From daily practices, they trace another history. This way, this article reveals the power of the rural workwomen, from its experiences in the daily soil of rubber trees area, the edges of rivers and the forests, as well as of its trajectories in the groups of women of the State of the south Acre and of Amazon. These women weave its power through multiple experiences as: leaving their work, because their husbands did not valorize it; commercializing the rubber with the profiteer “dribbling” the control of the father to participate in parties; developing the power to speak in the groups of women; through its faith and in its daily living with nature, in the knowledge of the forest and medicinal practices through the use of grass and the practice of traditional midwife.

Key words: power of women, social experiences, history of women.

¹ Professora do Departamento de História da Universidade Federal do Acre. Mestre em História pela Universidade Federal de Pernambuco.

A historiografia das últimas décadas tem procurado inverter as perspectivas historiográficas tradicionais, voltando-se para a memória de grupos sociais marginalizados do poder. Assim, abre-se caminho para uma história social das mulheres, para as tramas cotidianas peneiras de significações. É como analisa Dias:

Sempre relegado ao terreno das rotinas obscuras, o cotidiano tem se revelado na história social como área de improvisação de papéis informais, novos e de potencialidade de conflitos e confrontos, onde se multiplicam formas peculiares de resistência e luta. Trata-se de reavaliar o político no campo da história social do dia-a-dia (1984, p. 08).

Dessa forma, vamos tendo uma ampliação do conceito de poder. Para Perrot (1992, p. 167), as relações das mulheres com o poder inscrevem-se primeiramente no jogo de palavras. “‘Poder’, como muitos outros é um termo polissêmico. No singular, ele tem uma conotação política e designa basicamente a figura central, cardeal do Estado, que comumente se supõe masculina. No plural, ele se estiliza em fragmentos múltiplos, equivalentes a ‘influências’ difusas e periféricas, onde as mulheres têm sua grande parcela”. Assim, para esta historiadora, as mulheres têm poderes.

Em termos de análise de poder, Foucault (2000, p. XIV) é mais radical, analisando que, “os poderes não estão localizados em nenhum ponto específico da estrutura social. Funcionam como uma rede de dispositivos ou mecanismos a que nada ou ninguém escapa”. Assim possibilita a análise dos micros poderes que se exercem no cotidiano, poderes periféricos e moleculares. E, neste campo, as mulheres exercem muitos poderes como mostra o depoimento de dona Elisa Vieira da Silva que, diante da desvalorização de seu trabalho e dos desgostos que seu marido lhe dava, resolveu parar e trabalhar na extração do látex:

Precisamente pra mim, o meu marido era tudo na vida. Mas depois que eu vi que ele só queria o meu serviço, não me dava valor, dei a volta por cima. Digo: “Bom, tem que ser do jeito que eu quiser, eu não trabalho mais.!” E eu trabalhava, cortava siringa, chegava cinco hora do mato. Eu matava caça [...] Quando chegava cinco horas era com 10, 12 latas de leite nas costas e ainda os cachorros faziam a caça ... Aí quando eu chegava em casa, ele já tava bebendo – porque eu tenho muita raiva por isso. Aí quando eu dava fé dele bebendo, as vez eu dizia nome e não bibia mais. Aí, naquele dia, quando eu chegava, era só tomar um banho e fumar. Fumava um saco de tabaco por dia. Hoje em dia, eu nem fumo e nem nada. Fico em casa tranqüila, não tô nem aí. É besteira da gente dizer que o marido da gente é mais do que a gente, porque é besteira.

A experiência cotidiana de Elisa fez com que ela tomasse uma atitude em relação ao comportamento de seu marido que, além de não valorizar o seu trabalho, desperdiçava o que produziam com a cachaça. Então, ela resolveu exercer o seu poder, deixando de trabalhar, e não mais se preocupando tanto com seu marido. Por conseguinte, ele reformulou suas atitudes e comportamento e passou a assumir em maior grau suas responsabilidades, o que permitiu a Elisa labutar menos.

Já a seringueira Aldenora, residente às margens do rio Purus, no município de Pauini/AM, expressava o seu poder, mesmo depois de casada, negociando a sua produção de borracha diretamente com o marreteiro² e comprando as coisas que precisava para a sua família, como roupas e brinquedos para as crianças. O seu marido não interferia em seus negócios.

As mulheres não são passivas e nem submissas. A partir de práticas cotidianas, elas vão traçando uma outra história. Mesmo quando há proibições de seus pais, elas encontram um “jeitinho” de se rebelarem. Luzia conta como conseguia driblar o controle de seu pai para poder ir a uma festa, juntamente com seu irmão: “Quando nós morava no Estado de São Paulo, do Paraná mesmo, eu ainda andei indo numas festas assim, mas eu ia escondido. O Genésio ia pedia pra ele, dizia que ia num terço. Aí de lá do terço a gente ia pra festa”.

Já a mineira Sebastiana e suas três irmãs não tinham problemas para ir às festas. Elas enfrentavam uma semana dura de trabalho, contudo, nos finais de semana, elas sabiam criar o seu espaço de lazer, como a própria Sebastiana relata:

Nós trabalhava na roça. Olha, lá no Paraná, Tereza, nós não levava arroz em máquina não. Olha, nós trabalhava na roça a semana todinha, mas quando chegava o sábado nós não trabalhava. O que nós fazia? Nós era quatro, mas sempre tinha duas mais escorona. Aí, olha, uma limpava terreiro, outra lavava roupa, eu era pro pilão, tá? Eu socava de duas lata de arroz em casca, Tereza. Cada uma limpinho que jurava que era na máquina. Colocava sal, colocava palha de milho pra pilar o arroz, mas ficava limpinho. Outra amassava o pão pra semana. Fazia logo de 5 kg de trigo. Pão pra semana. Mas também quando dava 5 horas da tarde nós tava dentro de um patrimônio, dentro da cidadezinha de Ouro Verde. Nós ia pra festa dançar. Dançava até 1 hora da madrugada. Aí tinha meu tio que morava lá. A gente chorava no pé dele pra deixar minha tia ir mais nós, né? Porque lá só entrava no clube se tivesse um responsável. E nós ainda era de menor. Aí a minha tia ia carregando nós. Chegava lá nós dançava e a pobrezinha ficava lá cochilando, sentada, esperando nós. Chegava na casa dela deitava, dormia. Quando era de manhã nós levantava, limpava tudin, ajeitava tudo pra ela. Se ela quisesse ir na missa bem; se não quisesse, nós levava os menino. Era seis menino. Nós trocava aqueles meninos e saía pra missa. Levava os menino pra missa e ela ficava fazendo o almoço. Quando nós chegava, nós almoçava, ficava por ali brincando, conversando. Aí lavava as vasilha, deixava tudo limpinho pra ela. Aí, “Tia, nós vamos pro clube de novo”. Matinê,

² Vendedor ambulante que percorre os rios comprando borracha outros produtos e vendendo mercadorias.

né? Começava 1 hora e terminava 5 hora. Aí nós pegava, se mandava! Ficava até 4 e meia. Aí nós pegava a rua, vinha cá na casa dela buscar a nossa bolsinha de roupa. Tinha uma rua que cortava por baixo assim [...] Ai nós cortava por baixo, varava na BR de ir pra casa. Era 8 km lá de casa.

Neste depoimento, vemos também o poder de persuasão das jovens trabalhadoras rurais, que tanto trabalhavam durante a semana e, nos sábados e domingos, conseguiam convencer o tio a deixar a tia acompanhá-las até o clube para se divertirem. Afinal, a vida não é só trabalho e dureza; é, também, alegria, festa, lazer. Outro aspecto a ser considerado é a solidariedade da tia dessas “meninas” que, mesmo cansada da labuta do dia, ia com elas para a festa e ficava sentada, cochilando, enquanto suas sobrinhas se divertiam. As mulheres sabem construir laços de solidariedade.

Outra dimensão a ser analisada é a fala das mulheres como uma expressão de poder e subversão. Para a já citada Perrot (1992, p. 206), “pela sua irreverência, ironia e espontaneidade, a fala das mulheres é prenhe de subversão. Ela conserva esse no-que-me-diz-respeito, essa distância que permite que os humildes preservem sua identidade. Resgatem sua memória”. Por isso, para as mulheres, poder romper uma tradição de silêncio e invisibilidade é de fundamental importância. Luzia narra como começou a se expressar nas reuniões da igreja, em um treinamento no Km 38 da estrada de Boca do Acre, em que estavam discutindo se iriam fazer ou não uma “greve” para reivindicar melhoria nas condições da estrada:

E eu com uma vergonha, mas sentindo vontade de falar. Aí fui falei que a gente teria que ver, que se organizar, que realmente fazer a greve, que não podia ficar ali só naquele bate papo, que a gente teria que enfrentar e tudo. Onde, depois, teve gente que saiu criticando ainda, né? Disse que eu não falei bem, não sei o quê, né? Só que eu nem liguei.

Vemos que Luzia enfrentou a vergonha e a crítica de outras pessoas, após a reunião, mas conseguiu expressar a sua opinião, se sentir importante. E, de fato, decidiram pela “greve”, só que as mulheres não poderiam ir. Mas como essa mulher rebelde estava “doida” para participar do movimento, ela teria que inventar uma forma de chegar até ao local da “greve”:

Houve a greve. Só que eu não pude ir na greve. Não me permitiram de ir. Falaram que era só os homem, né? Naquele tempo, disse que era só os homem pra ir. Assim mesmo, o que que eu fiz? Inventei que o Edílson tava com febre, que eu tinha que levar ele pra consultar. Doida pra ir! Mas, sabe o que era vontade de ir? Aí eu tinha que levar o Edílson pra consultar. Eu fui só na casa de mãe, e aí eu fui vendir uma lata de café que

nós tinha pro João [...]. Eu peguei aquele dinheiro e vinha um carro, um caminhão e eu peguei o caminhão e fui.

As mulheres têm suas artimanhas, sabem criar alternativas para superar obstáculos, têm os seus próprios poderes, que são frutos de sua resistência que brota no chão cotidiano, do desejo de se expressarem, pois, como continua contando a própria Luzia, “mas eu sempre fui assim, eu sempre tinha vontade de falar, de me expressar, desde solteira. Só que meu pai, a maneira que a gente foi criada que temia, né? Prendia muito”.

A educação das mulheres, normalmente, se dava no sentido de calarem, de não expressarem suas opiniões, seus desejos, pois quem detinha o poder da fala eram os pais, os irmãos mais velhos, os maridos. Às mulheres cabia silenciar, obedecer. Nos seringais e às margens dos rios, as divisões dos espaços na casa revelam muito o poder dos homens. Em muitos lugares, ainda, a sala, o lugar das decisões, é o lugar dos homens – normalmente, as mulheres não podiam, não deviam participar das “conversas dos homens”. O espaço das mulheres é o da cozinha, no qual elas não deixavam de exercer os seus poderes, de, entre si, fazer seus desabafos, de buscar alternativas de melhoria das condições de vida. Em muitos depoimentos das mulheres, o fato de poder falar no grupo é muito significativo, como mais uma vez conta a Luzia, mulher “faladeira”:

Olha, pra mim significou muito, muito, porque uma boa parte do que eu vivo hoje, da experiência que eu tenho foi aprendida nesse movimento todo, nos grupos, né? Porque eu era uma pessoa assim, eu não sabia muito conversar. Hoje, graças a Deus, eu já até que eu já me expesso. Não sabia conversar assim, contar uma história. Eu era uma pessoa assim muito tímida. E eu não conhecia os direitos da gente, da mulher; hoje eu já conheço; eu não sabia viajar e hoje eu já sei viajar. Se for pra mim viajar, por exemplo, que nem aquela época que eu fui pra SP, né? Aprendi tudo isso no movimento. Então, é uma história, é uma coisa que me ajudou demais. A gente ver também as coisas de uma forma assim diferente, né? Eu não sei nem explicar bem como seria; a gente passa a entender melhor as pessoa ... Então, é uma coisa que conscientiza muito assim, faz a gente ver as coisas muito diferente. A gente passa a ter amizade com as outras mulher. Que nem ali no 75, até hoje eu tenho aquelas mulher assim como se fosse irmã? Porque a gente pega um amor tão grande uma pela outra! Aí vai fazer reunião, a gente expõe os problemas da gente; as companheira expõe a situação delas! Ora serve de desabafo, né? As vez a companheira tava com um problema sério lá com o marido, as vez chega, fala, né? As vez a gente orienta. Então, é uma coisa tão boa que eu não sei nem como expressar isso aí.

Esta experiência de vida tão rica, realmente é difícil expressar em palavras, entretanto, Luzia conseguiu expressar muitos aspectos importantes da sua vivência. Destaque-se, aqui, a

importância de aprender a se expressar, expor as suas idéias, trocar experiências, se entreajudar. Isto para as mulheres, “acostumadas” ao silêncio, à obediência às ordens dos pais, dos irmãos, dos maridos, torna-se extremamente importante, significa descobrir o seu valor, a sua capacidade, exercer o seu poder, conquistar a cidadania. É como aborda Montenegro (1994, p. 40): “Poder falar, reivindicar, discutir, defender idéias contrárias ou mesmo se fazer notar, ocupar um lugar entre as diversas falas é uma conquista das camadas populares através dos mais diversos processos de socialização”.

Esta conquista das camadas populares se torna mais expressiva para as mulheres que, expostas a uma formação discriminatória, sentiam enorme dificuldade para expressarem suas idéias, e isso mesmo dentro de suas casas. A participação nos Grupos de Mulheres favorece este espaço de expressão e troca de idéias, construindo um espaço de práticas de poder, pois, como analisa Clastre (1982, p. 106), “falar é antes de tudo deter o poder de falar”. E este espaço de participação e poder vai sendo conquistado dentro de casa também, como revela o depoimento da Senhora Elisa, do Grupo Força da Mulher, do ramal do Km 75 da BR 317, no PAD Peixoto, no município de Rio Branco:

Eu achei muito legal porque o meu marido era muito chato, mas agora ele deixou, abandonou porque sabe que – de premeiro, ele dizia que nem o marido dá minina, dizia que era sem-vergonhice. Agora diz: “É, vai pra tua reunião”. Agora já tá legal... Não arenga mais. Já chego em casa, né, eu converso com ele. De premeiro, eu não conversava de jeito nenhum. Nem pra reunião de comunidade ele não deixava eu ir só. Agora eu saio assim pras reuniões. Pra mim eu tô mais elevada.

Assim, a participação no Grupo de Mulheres vai quebrando resistências dos maridos e possibilitando novas relações entre mulheres e homens; a fala vai sendo socializada.

A escola formal deveria ser um lugar privilegiado do processo de socialização, como reflete Antônio Torres Montenegro (1994, p. 38). Entretanto, como isto não ocorre, este processo de socialização se dá em espaços alternativos como a Comunidade Eclesial de Base, o Sindicato, o Grupo de Mulheres. A Senhora Deusdeth, do Grupo Força da Mulher, chega a comparar as reuniões com uma escola:

Ora, mas a gente tá num colégio que nem uma escola. A pessoa todo dia, toda semana ... cada vez que a gente faz reunião, se reúne com as mulher, a gente tem um assunto a aprender a mais além do que a gente sabe, que a gente já sabe, né, cada vez. É um colégio, nós tamo num colégio. Agora só tem que a gente butar em prática aquilo que a gente falar a gente butar aquilo na memória que um dia a gente vai precisar daquele estudo. Ah, eu gosto! E eu gosto muito de ir pro 52 porque lá é bem melhor. Mas lá é um

istudo, né? Assim todas de lá tem que dar a sua aula lá de cada um de seus grupos. Uma aula de todas lá. Aquilo ali já é uma coisa que a gente vai se incentivando mais. Embora que tenha muitas dela dá o assunto delas e a gente quase não se interessa Mas, totalmente tem delas que dá uma aula bunita, um assunto mais, né, que dá pra gente entrar também naquele mesmo trabalho. É por isso que eu gosto de ir pra lá. E mesmo a presença das mulher é muita coisa, né? Alegria e a gente tem outro conhecimento com todas.

Desta forma, o Grupo de Mulheres se transforma num espaço de aprendizagem, de socialização do saber, onde todas se tornam professoras e alunas, ninguém é mais do que ninguém, todas estão neste processo de ensino-aprendizagem. A experiência da outra se torna conteúdo, estudo. Nas reuniões das coordenadoras dos Grupos de Mulheres da BR 317, no Km 52, cada mulher tem que ministrar sua “aula”, colocando a caminhada do seu grupo, refletindo sobre as questões do movimento como um todo e dando os encaminhamentos necessários. Esta “escola” ainda é enriquecida com estudos específicos solicitados pelas mulheres e desenvolvido de forma participativa pela assessoria da CPT que procura ampliar os horizontes de conhecimentos das trabalhadoras rurais.

A participação no movimento aumenta o poder das mulheres, na medida em que lhes possibilita maior conhecimento e experiência de argumentar, falar, coordenar, encontrar alternativas para situações difíceis. Luzia, quando mudou do Km 75 do Projeto de Assentamento Pedro Peixoto, no município de Rio Branco, para o Km 57 da estrada de Boca do Acre, após alguns anos da chegada de sua família nesse local, viu surgir um conflito de terra, envolvendo cerca de 20 famílias, todas ameaçadas de despejo da terra. Luzia, com toda a experiência no movimento de mulheres, liderou o movimento de luta pela terra, indo de casa em casa, orientando as pessoas acerca de seus direitos, convocando-as para uma reunião na qual discutiriam a problemática, animando as famílias para não desistirem da luta, articulando-as com o Sindicato de Trabalhadores Rurais de Boca do Acre e a CPT – Regional Acre. Na hora da reunião, ela e sua irmã Angelita, que já haviam apreendido o “traquejo” da fala, coordenaram a reunião em que se decidiram os encaminhamentos da luta pela terra, a criação de uma delegacia sindical e a eleição do delegado sindical. Nesse dia, Luzia foi eleita delegada sindical, apesar das críticas de algumas companheiras e de alguns homens que ainda consideram que sindicato é “coisa de homem”. É interessante a lembrança de Luzia da fala de um homem acerca dessa decisão: “Ela tem o direito sim de ser delegada, porque durante esse tempo todinho que tá na reunião, ela é que falou, ela foi quem ajudou a decidir as coisas. Então, por que ela não pode ser delegada? No meio de tanto homem aqui, mas nenhum falou nada!”

Foi a fala de Luzia, durante a reunião, que fez com que ela assumisse a liderança da luta pela terra, pois demonstrou capacidade para a discussão da temática e, ainda, capacidade para fazer propostas de soluções. Alie-se a isso a capacidade de articulação e a experiência de luta. Tudo isso contribuiu para a quebra da barreira imposta à participação da mulher como uma liderança sindical, com atuação num campo considerado predominantemente masculino. Quem sabe falar exerce poder. Ressalte-se que, atualmente, Luzia está exercendo a presidência do STR de Boca do Acre/AM.

Outra mulher que conseguiu conquistar espaço de poder no movimento sindical foi a seringueira Regina Rodrigues de Freitas, natural de Brasiléia/ Acre, presidente da Federação de Trabalhadores da Agricultura do Acre (FETACRE). Ela conta como, apesar da discriminação de gênero, conseguiu fazer-se respeitar em um “mundo de homens”:

Tem muito preconceito, até assim do Sindicato nem tanto, mas aqui na Federação quando eu cheguei foi uma barra que eu enfrentei. Assim da gente levar a discussão e aí a própria direção da Federação não dá muita importância, achar que você não tá tendo muito valor naquele momento, não te olhar como uma pessoa que quer ajudar, né, que vai construir, não colocar muita fé na pessoa. Mas aí, graças a Deus, depois do meu trabalho, eu hoje sou tratada com muito respeito e muito carinho dentro da Federação. Até porque o meu trabalho é digno, eu não trabalho com mentira, eu não trabalho com discriminação, né? Eu trabalho com a verdade, com muito esclarecimento e com muito respeito no meu trabalho. Até porque as pessoas vêm a gente com um olhar diferente, mas depois ver a gente com um olhar de realidade, porque eu faço assim os meus trabalhos com muito carinho e com muito respeito.

A conduta de Regina fez com que seus companheiros mudassem a forma de ver a sua atuação no movimento sindical. São as próprias experiências das mulheres, que assumem com garra e competência funções nas instâncias de poder do sindicalismo, que vão transformando as relações entre mulheres e homens, favorecendo um novo olhar em relação à conquista de espaço feminino no movimento sindical.

A participação no movimento de mulheres favorece um realinhamento de poder dentro da família, pois, à medida que as mulheres vão descobrindo os seus direitos, passam a construir uma nova relação com os seus maridos, como expressa a experiência de Vanda Batista da Silva, moradora da Boca do rio Seruini, no município de Pauini/AM: depois de ter começado a participar do Grupo de Mulheres, de ter descoberto os seus direitos, mudou a forma de se relacionar com o seu marido e este passou a escutá-la. Ela dizia para seu marido: "Olha, de premero, eu não sabia que eu tinha direito. Pra mim, só quem tinha direito era tu, mas agora os

direito são igual”. A descoberta da cidadania faz com que as mulheres retomem a auto-estima e lutem por direitos iguais na diferença. Assim, os homens já não podem manter, em relação a elas, o comportamento de outrora; em outras palavras, passam a respeitá-las. Contudo, como todo processo de transformação, este é lento, e, por vezes, se torna-se conflitivo. Afinal, uma mudança de mentalidade e de comportamento pode ser comparada a um parto, mas, se por um lado traz dores, por outro lado, dele brota uma vida nova.

A Senhora Sandra Arruda Tavares, natural de Sena Madureira, residindo atualmente no Projeto de Assentamento Caquetá, no município de Porto Acre, coordenadora da Associação de Grupos de Mulheres Trabalhadoras Rurais (AGMTR) – BR 317 e da Articulação Estadual de Mulheres Trabalhadoras Rurais (AEMTR), também sentiu, na própria pele, as conseqüências de conflitos com seu marido por causa de suas constantes saídas para participar de ações na capital acreana ou fora do Estado:

No meu caso, meu marido ele resistiu muito assim deu participar do movimento, porque as pessoas criticam, acham que a mulher que participa do movimento abandona o lar, abandona a família e acaba que gera um conflito muito grande. O homem é tido como que nem uma pessoa que não autoridade, né? Então é muito difícil assim. Tanto é que teve muitas companheiras do movimento que ou saíram do movimento mesmo, se distanciaram ou tiveram que se separar da família. Pra mim foi muito difícil porque teve uma época que meu marido pediu pra mim escolher entre o movimento e a minha família [...] Até hoje as pessoas dizem assim que eu consegui dá a volta assim muito por cima, porque eu consegui convencer ele de que eu queria as duas coisas, que era importante as duas coisas pra mim. Mas coloquei também que ele não me fizesse escolher porque, de repente, eu ia tomar uma decisão que não era boa nem pra mim e nem pra ele. Poderia escolher uma coisa que talvez não ia ser bom pra nós dois, nem pras minhas filhas. E acabou que ele viu e começou a entender. Só que até hoje ele sofre essas crítica, né? De vez em quando eu chego em casa e ele: “Ah, o vizinho ali comentou que você não tem autoridade, que você é muito liberta, que você viaja muito...” Mas aí eu tento colocar pra ele que o movimento não existe pra isso, pra ficar criando problema dentro de casa; existe pra você, é um espaço de estudo, é espaço de informação e de também assim trazer informação que não só vai servir só pra mim, né? Vai servir pra ele também, vai servir pra comunidade.

Sandra, com muito diálogo, conseguiu convencer seu marido da importância de sua militância no movimento e, igualmente, da importância da família para ela. Contudo, as críticas dos vizinhos faziam com que seu marido se sentisse sem autoridade. Ele já não estava conseguindo administrar a nova relação com sua esposa, com tantas saídas, por parte desta, do recinto familiar. Todavia, Sandra, exercendo seu poder de argumentação, conseguiu mediar o conflito familiar. Na realidade, era o mundo privado confrontando-se com o mundo público que, cada vez mais, estava ampliando a rede de relacionamentos e conhecimentos de Sandra,

aumentado, cada vez mais, seu poder. Como seu marido não consegue acompanhar esse crescimento, sente-se ameaçado e vulnerável às críticas de outras pessoas que não admitem a quebra dos papéis normativos femininos.

Outra liderança expressiva do movimento de mulheres trabalhadoras do Acre, Maria Alvenásio Ferreira, conhecida como Meire, ex-coordenadora da AGMTR, e que foi, também, a primeira coordenadora da AEMTR e primeira representante do Acre na coordenação da Articulação Nacional de Mulheres Trabalhadoras Rurais, uma mulher ousada, não teve a mesma sorte que Sandra, pois suas constantes saídas de casa, para viajar a Rio Branco, São Paulo e Brasília, geraram tantos conflitos com seu marido que culminaram em uma separação. Eis o seu relato:

Bom, pelas umas parte eu pensava que não criava conflito porque eu pedia, eu falava que ia sair e ele não se importava muito. Ele dizia assim: "Não, vai!". Aí, mas, só que, também, eu nem poderia aborrecer ele, porque, quando qualquer coisinha se eu aborrecesse, ele dizia: "Ah, não vai mais! Sendo assim você não vai!" Aí eu ficava até meia sem jeito. Digo, eu tenho é que agradar mesmo. E continuava agradando, né, até conquistar o momento deu chegar a viajar. Viajava, ia e vinha. Teve uma vez que eu cheguei, a primeira vez, não tava tão aburrecido, mas a segunda, ele começou a se aborrecer. Eu não sei porque. Assim até mesmo sei, né? Porque tem gente, tem pessoas que fica colocando coisas, dizendo: "Ah, ela não tá fazendo esse trabalho, ela tá é fazendo outras coisa". Aí ele pegou e disse: "Não!" Aí teve gente que disse: "Rapaz, não tá acontecendo isso!" Teve gente que foi e confirmou pra ele: "Nós temo prova que a Meire sai daqui do Rio Branco pra fora pra ir representar". Foi como ele acreditou mais. Mas aí era aquela coisa maligna que fica tentando. Ele foi se aburrecendo. E já tava, já bibia um pouco, começou a beber, começou a ficar brabo, aí comprou arma. E aí aquilo ali foi criando um conflito, né? E eu fiquei aperrada, mas não quieria deixar porque eu gostava dele, da minha família, da minha casinha, do capim que eu plantei, de tudo o que tudo o que eu tinha feito ali eu gostava. Saí de lá chorando e eu pensava assim: Se ele chegasse, viesse conversar comigo mesmo, dissesse assim: "Meire, vamo entrar num acordo". Eu ia butar proposta: "Só que tu pára com essa arrumação de bebedeira". Aí se ele entrasse nesse acordo de parar com a bebedeira eu i ceder. Mas como ele não entrou num acordo e outra que apareceram logo outras oportunidade pra ele bem mais, talvez mais melhor, aí ele não se decidiu a optar pela família, né? Aí, por isso tudo, tanto eu como ele sofreu, que as criança nossa também. É por isso que a gente deve aprender a perdoar e a chegar, não ter medo de chegar perto da pessoa e diz: "Rapaz, vamo conversar? Eu te perdô. Me perdoa". Nós temo que fazer isso, né? E eu não cheguei a esse momento. Eu digo: "Eu não vou!" E não fui. Aí, o que causou é que ele não veio atrás de mim e eu esperei muito tempo. Digo, ele casou com outra, não vem entrar num acordo comigo, né? Eu pensando dele vir ...

Quando o marido de Meire voltou a beber e a usar de violência, a fim de prevenir um mal maior, ela saiu de casa com suas duas filhas pequenas. Veio para Rio Branco e ficou trabalhando na casa de uma família conhecida. Enfrentou muitas dificuldades financeiras. Mesmo assim continuou, com muita dedicação, a sua atuação no movimento de mulheres, participando,

inclusive, das reuniões da coordenação da Articulação Nacional de Mulheres Trabalhadoras Rurais em Brasília. Também voltou a estudar e começou a frequentar um curso de computação. Como a desejada reconciliação com o esposo não aconteceu, ela conquistou um novo pedaço de terra no Projeto Caquetá, no Km 72 da BR 317, no município de Porto Acre, para onde se mudou, deixando as filhas com a avó materna. Sozinha, com muita fé e determinação, abriu a nova colônia, enfrentando todos os obstáculos. Assim, segundo seu relato, reestruturou-se e reconstruiu sua vida, mostrando o poder de recomeçar. Depois de alguns anos, formou um novo lar. Ela própria fala desta nova experiência:

Aí que nem hoje, eu construí de novo, graças a Deus, dei a volta por cima, todos os problema que eu tive na vida. Mas porque eu vi que, acima de tudo, nós podemos ter tudo, mas se nós tiver distanciado da presença de Deus nós não tem nada. Aí, hoje em dia, eu me humilhei pra Deus, mas me humilhei mesmo, chorando sozinha na roça lá, sozinha, pedindo a ajuda de Deus e eu hoje consegui. Eu vi que o amor, ninguém nasce pra ninguém. O amor ele, Deus já disse assim: "Amai-vos uns aos outros como eu vos tenho amado. Amai o próximo como ama a si mesmo, né?" Então o amor, no dizer, se for esposo com esposa, o esposo não nasceu pra esposa não; nem a esposa nasceu pro esposo. Deus apenas uniu ali, só que o amor é pra ter um amor mais ainda além. O meu amor pela irmã Terezinha é um, mas o amor de esposo pra esposa e de esposa pra esposo é um amor de intimidade ainda maior florescente ainda, que tem mais vitalidade, até mesmo frutifica, né? Que dar um molequin depois, né? Dar frutos, né? Se eu amo a irmã Terezinha eu não tenho coragem de dar um soco na irmã Terezinha, de machucar ela, fazer uma traição, né? Quanto mais o esposo, né? Se eu amo o meu esposo, eu não vou ter coragem de meter a faca por detrás, com uma falsidade, com uma traição. Não, se eu amo ele. E eu também conheço até mesmo a verdade, a Palavra de Deus, guardar os mandamento. O que que tem de pegar e mudar isso? Aí isso eu descobri muito na vida através das topadas que eu levei. Porque a gente só descobre aonde tá o toco quando topa, né? Aí da próxima vez a gente já arrudia; arrudia porque não vai topar de novo.

Todas essas experiências dolorosas constituíram-se em um aprendizado. A mulher tem demonstrado possuir uma incrível capacidade para vencer obstáculos e gerar uma nova vida. Hoje, Meire está feliz na sua nova colônia, com o seu novo marido e com suas filhas. Continua participando ativamente da luta por melhores condições de vida. A sua experiência significativa no movimento de mulheres trabalhadoras rurais fez com que sua liderança fosse reconhecida pelos moradores do seu ramal que a elegeram presidente da Associação El Shadai.

Outra forma de poder das mulheres se expressa por meio da fé, que se transforma em arma para a luta, em coragem de enfrentar e superar obstáculos, em motivação para lutar por uma vida melhor, na certeza de que Deus se faz presente na luta e na história. A composição musical de Luzia Santos da Silva revela essa integração entre fé e vida: "Vamos à luta, ó mulher

guerreira, a nossa arma é a nossa fé. / Não temos medo, pois temos certeza que junto com a gente vai o Deus Javé”. A própria compositora faz sua interpretação acerca da letra:

A única coisa que a gente tem, a arma da gente é a fé, né? Porque a gente não tem direito, a gente não tem dinheiro pra pagar advogado, pra conseguir certas coisas que a gente precisa, né? A gente muitas vezes não tem dinheiro pra gente, pra você ir nos movimento, né? Tem essa dificuldade! E Deus, a gente busca ele através dessa fé! Então por isso que eu fiz aqui: “a nossa arma é a nossa fé”. Não precisa da gente ter medo. Tem companheira que as vez tem medo da perseguição, né? Só que eu acredito que nesse momento, sempre, o Senhor Javé tá com a gente! Porque tanto é que, quando a gente é capaz de tá na situação que a gente tá, ir pra rua, ser perseguida que nem muitas e muitas companheiras sindicalista. As vez chega até à morte por causa disso. Aí a gente ver tudo isso, mas assim mesmo a pessoa, a gente tem a coragem de lutar. Então não é uma coisa que vem só, simplesmente da gente, mas é uma fé que, eu acredito que vem de Deus! Se a gente não tivesse um Deus que sustentasse a gente não conseguiria.

O poder das mulheres se revela também na escolha de seu companheiro, ao contrariar a vontade da família e enfrentar preconceitos dos “sulistas” em relação aos acreanos, como é o caso da Luzia e do Valdir:

A minha família não queria de jeito nenhum que eu ficasse com ele e eu fiquei assim mesmo [...] É a minha família não queria de jeito nenhum porque ele era acreano e porque ele era descendente de índio. E diz que esse povo não tem futuro, né? Eles não se preocupam em crescer na vida. Então eles não queria de jeito nenhum. Teve uma perseguição muito grande de um irmão meu, do Antonho. Ele não aceitava de maneira nenhuma. E meu pai também ele nunca foi de acordo. Só que ele não proibia porque ele tinha medo de proibir e eu fugir. Ele tinha medo disso porque ele já teve exemplo disso na família, né? De uma irmã minha que ele não queria o casamento de jeito nenhum e ela fugiu no mundo que, até hoje, nunca mais apareceu. Então meu pai não queria, mas não proibia também; ele não apoiava.

Como a família de Luzia não aprovava o seu casamento com um acreano, filho de indígena, ela foi obrigada a dar conta, sozinha, do seu enxoval e dos preparativos do casamento. Mesmo assim, enfrentou o preconceito de sua família, com muita coragem e determinação:

Aí o meu casamento foi feito até com muito desprezo, né? E eu senti muito isso por causa que eu tava casando com um cara que era assim dessa descendência. Pras minhas irmãs todas o meu pai comprou o vestido de noiva. Elas casaram, comprou o enxoval pra elas. Pra mim ele não comprou. Eu casei com o vestido de uma irmã minha ... E o meu pai nem... Porque lá no sul, a gente é acostumada assim: a moça vai casar, então o pai vai na cidade e compra todo o enxoval de casa... Tudo é o pai que dar; o pai é quem tem a obrigação de dar. E o noivo entra com os utensílios de casa. E o meu pai não fez isso de jeito nenhum. Eu trabalhava na diária como os homem trabalha, roçando pasto. Eu trabalhava e ia comprando, comprando de pouco: toalha, pano de prato, essas coisas assim que eu achava que, por causa da tradição, a mulher é que tinha que levar, né? Aí fui comprando. Aí quando chegou o dia de casar ele disse que não podia comprar o vestido. Aí a minha irmã foi e me deu o vestido. Aí a grinalda eu emprestei de uma

menina que tinha lá. Fazia poucos dias que ela tinha casado e ela emprestou a grinalda. E o sapato também foi emprestado, porque eu não tinha sapato. Eu trabalhei e o dinheiro todo que eu pegava era comprando as coisas. E depois a pressão tava ficando tão grande que não deu pra gente terminar de se preparar pra casar. Aí emprestei o vestido, emprestei a grinalda, o sapato. Os utensílios de casa eu já tinha comprado tudo. O Valdir já tinha comprado também as coisas. Só que daí a gente não tinha aonde morar. Aí a mãe dele ia morar em Boca do Acre e deu a casa pra gente morar. Você ver que a discriminação foi tão grande porque o meu pai tinha terra e não ofereceu a terra pra gente fazer uma casa.

Outra forma de poder informal das mulheres trabalhadoras da floresta ocorre no seu cotidiano, permeado de convívio com a natureza, no trabalho, no corte de seringa, no roçado, no plantio nas praias, e se expressa no conhecimento da mata e na prática medicinal, por meio da utilização de ervas, e da prática das parteiras tradicionais. Isso é revelado pelo depoimento de Maria de Almeida Melo, uma seringueira experiente, do seringal Porongaba, no município de Brasiléia, que foi entrevistada por Souza (1996). Ela afirma:

O trabalho de parteira é quando a mulher está sofrendo. Muitos não faz, mas eu faço. Sonda a criança. Vejo como está, como não está. Se tiver torto eu indireito. Conheço quando ela tá torta, conheço quando ela tá direito. E ela nasce. Eu pego, corto o umbigo. Inté hoje, já está com trinta e tantos meninos que eu pego e nunca tive problema nenhum. Graças ao meu Senhor Jesus Cristo... Nós aqui no “centro” não. Tem que ser o que Deus quiser. A gente entrega nas mãos de Deus. E Deus toma de conta. Já peguei foi muito, muito. E as mulheres ficam em paz, graças a Deus. Os meninos tudo nutrido, tudo grande, tudo bem tratado. A gente faz um chá, quando tá custando a ter a criança, que tem dor. A gente faz o chá de pimenta-do-reino bem quente. Quando acaba, bate a gema do ovo, bem batidinho, bota aquele chá dentro. Aí abafa. Aí dá pra mulher beber. A mulher bebe ali. Com cinco minutos, seis minutos, ela bota o menino fora.

É todo um conhecimento que brota do convívio com a natureza e que, também surge da necessidade de salvar vidas. O jornal popular, *O Varadouro*, fez uma publicação interessante de uma experiência de vida de uma velha parteira leiga, que descreve, de forma minuciosa, como realizava partos em mulheres nos seringais:

Meu nome é Raimunda Pereira Lima, sim senhor, tenho 64 anos e nasci aqui mesmo no Acre, num seringal lá do município de Xapuri. Morei lá até o ano passado e minha vida era só trabalho, na enxada, em tudo. Saía de manhãzinha e só voltava na hora de acender a luz. Eu gostava assim mesmo, mas acontece que eu tive que sair porque tivemos que viajar. Aí eu vim pra Rio Branco. Nunca fui de escola não senhor. Sei fazer conta de cabeça, assim acompanhando, e tenho pena de não saber escrita. Eu comecei a pegar com 30 anos de idade, ninguém me ensinou nada... pegava assim, passando álcool na tesoura, no algodão, passava azeite doce ao redor do umbigo da criança, queimava o pano pra botar no umbigo e aí botava a cinteira por cima. Banho eu não dava e nem gosto de dar, só faço assear a criança. Tem outras que bota estrume de gado na defumação do umbigo, pó de estrume bem fininho dentro, porque elas dizem que boi é abençoado. Antes do parto a gente reza pra Nossa Senhora. Quando eu comecei a pegar a gente misturava cebola e alho, amornava com azeite doce e aí dava uma massagem nos

quartos e nas pernas. Dava chá de alfavaca com leite, chá de pimenta do reino, chá de cravo. O de alfavaca com leite era pra aliviar o parto, o de pimenta do reino pra dar fogo, esquentar, o de cravo pra abrandar a dor. Na hora da criança nascer botava o marido pra atracar na mulher e dizia: “Atraca, você não fez? Agora ajuda a tirar”. Quando a mulher sentia dores e não saia a gente pegava o chinelo do marido e batia três vezes nos quartos dela. Se não dava certo mandava o marido botar uma vassoura no meio das pernas e ficar dando voltas em torno da casa, e cada vez que passava no rumo do pé da cama ele perguntava: “A mulher já descansou?” A parteira respondia: “Ainda não”. Aí a gente dizia pra ele dizer: “Nosso Senhor disse que é pra quem estiver aí dentro sair pra fora”. Depois que tinha o neném o marido sentava nas costas da mulher três vezes, pra fechar as cadeiras dela, e só servia ele porque era ele que tinha começado tudo.³

No interior da mata, distante dos centros urbanos, está em jogo toda uma luta pela sobrevivência, numa região endêmica como a amazônica, na qual mulheres, homens e crianças, longe dos serviços públicos de saúde, viram-se obrigados, para sobreviverem, a criar e recriar práticas tradicionais de curas fitoterápicas. Aprenderam muito com o conhecimento tradicional indígena surgindo, desse contato, uma grande variedade de receitas com ervas medicinais. Atualmente, o movimento de mulheres tem incentivado ainda mais essa prática da saúde, que brota da natureza. Além de significar economia doméstica, é bem mais saudável, como analisa a trabalhadora rural Vera:

Olha, eu tô vendo que tem tudo. Tem as ervas certa – se você souber fazer você faz o remédio e é muito melhor do que você comprar o remédio da farmácia. Um remédio que você faz aqui você toma, você não se sente mal; você só se sente bem, porque não tem nenhuma qualidade de química. Esse remédio que a gente compra na farmácia ele contém muita química. Quando não prejudica por um lado, prejudica pelo outro. Porque eles com aquela química pra passar dois, três anos aquele remédio ali agüentando, né? E o remédio que nós faz aqui não tem nenhuma qualidade de química.

Dessa forma, as mulheres trabalhadoras da floresta, cada vez mais aprendem a utilizar os recursos naturais, criando e recriando práticas de convívio com a mata, melhorando a sua qualidade de vida, vivendo em harmonia com a natureza, fonte abundante para o desenvolvimento sustentável e humano.

³ Depoimento oral da seringueira parteira Raimunda Pereira Lima. In: *Jornal O Varadouro*. Rio Branco, Ano I, nº 4, setembro/1977, p.17.

REFERÊNCIAS

CLASTRES, Pierre. *A sociedade contra o Estado*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.

CRUZ, Tereza Almeida. *Mulheres trabalhadoras rurais em movimento: uma história de resistência, vales do Acre e Médio Purus – 1988 a 1998*. Recife, UFPE, 2001. Dissertação (Mestrado em História do Brasil), Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco, 2001.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. *Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX – Ana Gertrudes de Jesus*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

FOUCAULT, Michel. *A microfísica do poder*. Organização e tradução Roberto Machado, 15. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2000.

MONTENEGRO, Antônio Torres. *História oral e memória: a cultura popular revisitada*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 1994. (Caminhos da história).

PERROT, Michelle. *Os excluídos da história: operários, mulheres, prisioneiros*. Tradução Denise Bottman. 2. ed. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 1992.

SOUZA, Carlos Alberto Alves de. *Varadouros da liberdade: Empates no modo de vida dos seringueiros de Brasiléia-Acre*. São Paulo: PUC/SP, 1996, p.p. 116-117.

DEPOIMENTOS ORAIS

DEUSDETH. Entrevista. Ramal do Km 75 da BR 317, 19 de outubro de 1997.

FERREIRA, Maria Alvenásio. Entrevista. Rio Branco, 01 de janeiro de 2001.

FREITAS, Regina Rodrigues. Rio branco, julho de 2000.

ROCHA, Sebastiana Lima da. Entrevista. Km 38 da Estrada de Boca do Acre, 1997.

SILVA, Deusdete Moreira da. Entrevista. Ramal Progresso – Km 75 da BR 317, Rio Branco, 19 de outubro de 1997.

SILVA, Elisa Veira da. Entrevista. Ramal do Km 75 da BR 17, 19/10/1997.

SILVA, Elisa Vieira da. Entrevista. Ramal do Km 75 da BR 317, 19 de outubro de 1997.

SILVA, Luzia Santos da. Entrevista. Rio Branco, 17 de dezembro de 1998.

SILVA, Vera Soares da. Entrevista. Km 75 da BR 317, 19 de outubro de 1997.

TAVARES, Sandra Arruda. Entrevista. Km 52 da BR 317, julho de 1997.